

ISSN: 2176-5960

**PROMETEUS FILOSOFIA**

setembro - dezembro de 2017

número 24

ISSN: 2176-5960

## **A “SOCIEDADE MODERNA” NA VISÃO DE ROUSSEAU<sup>1</sup> THE "MODERN SOCIETY" IN ROUSSEAU'S VISION**

José João Neves Barbosa Vicente  
Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia  
Professor Adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Editor da revista de filosofia Griot

**Resumo:** Neste artigo discute-se o pensamento de Rousseau, mas não em sua totalidade. O objetivo fundamental é centralizar a discussão em torno da sua visão da “sociedade moderna” do seu tempo, e apresentá-la como sendo uma sociedade totalmente corrompida e mergulhada na aparência, onde a ação e o discurso dos homens são duas realidades absolutamente diferentes.

**Palavras-chave:** Aparência. Homem. Realidade. Sociedade.

**Abstract:** In this article discuss the thought of Rousseau, but not in its entirety. The primary goal is to centralize the discussion around their vision of "modern society" of his time, and present it as a totally corrupted society and steeped in appearance, where the action and the speech of men are two absolutely different realities.

**Keywords:** Appearance. Man. Reality. Society

---

<sup>1</sup> O conteúdo deste artigo é parte da pesquisa realizada pelo autor no curso de pós-graduação na UFBA, sob a orientação do professor Dr. Genildo Ferreira da Silva.

Nos escritos de Rousseau a sociedade do seu tempo nunca foi um ambiente onde ele desejaria viver. Para ele, a “sociedade moderna” do século XVIII encontrava-se totalmente corrompida e mergulhada na aparência, as ações dos homens nunca se alinhavam com os seus discursos; essa constatação radical do pensador genebrino, no entanto, só apareceu para ele de forma clara, no verão de 1749, ou seja, aos 37 anos aproximadamente, na estrada entre Paris e Vincennes, quando ia visitar o seu amigo Diderot que estava preso. Sua atenção foi despertada por uma notícia no *Mercure de France* sobre o concurso da Academia de *Dijon* com o seguinte tema: “O restabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para aprimorar os costumes?”. Após a leitura do tema do concurso, o pensador genebrino proferiu as seguintes palavras:

Se jamais alguma coisa assemelhou-se a uma inspiração súbita, foi o movimento que se fez em mim ante essa leitura. De repente, senti meu espírito iluminado por mil luzes; uma multidão de ideias vividas apresentou-se ao mesmo tempo com uma força e uma confusão que me lançou em inexprimível desordem; senti a cabeça tomada por um atordoamento semelhante à embriaguez. Uma violenta palpitação me oprimiu, ergueu-me o peito; não mais podendo respirar e andar, deixei-me cair sob uma das árvores da avenida e lá fiquei uma meia hora em tal agitação que, ao levantar-me, percebi toda a parte da frente de meu casaco molhada pelas lágrimas que tinha derramado sem perceber (ROUSSEAU, 2005, p.24).

A notícia no *Mercure de France* atingiu Rousseau como uma iluminação súbita e avassaladora e colocou em acordo preciso e perfeito seus sentimentos e suas ideias: “Com a mais inconcebível rapidez, os meus sentimentos puseram-se em uníssono com as minhas ideias” (ROUSSEAU, 1964, p.341). Nas palavras de Cassirer (1992, p.357), “como numa visão”, o pensador genebrino conseguiu enxergar claramente “o horrível abismo que permaneceu escondido aos olhos dos seus contemporâneos”. Assim, na “civilização” onde o século XVIII apenas via “a flor da verdadeira humanidade”, Rousseau enxergou “o verdadeiro perigo”; para ele, tal civilização não era uma força para o bem, como acreditavam os seus contemporâneos, mas uma força positivamente perniciososa que contribuiu para degradar os homens.

A leitura da notícia no *Mercure de France* contribuiu consideravelmente para que Rousseau encontrasse seu rumo, pode-se dizer, inclusive, que a partir daquela leitura ele encontrou ou descobriu a sua vocação como pensador: “irrompe nele agora”, diz Cassirer (1999, p.48-49), “a indignação reprimida contra tudo o que a sua época amava e venerava, contra os ideais de vida e de formação do século XVIII”; essa indignação em relação a esses ideais que há muito tempo o incomodava como “algo sombrio e escuro”, tornou-se agora “um saber claro e seguro”, ele “não apenas sente, mas também julga e condena”. Esse “feliz acaso”, diz Rousseau (2005, p.24), “veio esclarecer-me sobre o que tinha de fazer por mim mesmo e de pensar sobre meus semelhantes [...] que me sentia ainda levado a amar mesmo tendo tantas razões para odiá-los”. Apesar de ter acontecido de forma rápida, a visão que o pensador genebrino teve nesse dia, debaixo de uma árvore e que o colocou no caminho da reflexão, ao esclarecê-lo sobre o que tinha de fazer, deve ser entendida como algo profundo e abrangente:

Senhor, se algum dia pudesse escrever a quarta parte do que vi e senti sob essa árvore, com que clareza teria mostrado todas as contradições do sistema social, com que força teria exposto todos os abusos de nossas instituições, com que simplicidade teria provado ser o homem bom naturalmente e apenas por causa dessas instituições os homens tornam-se maus (ROUSSEAU, 2005, p.24).

Para concorrer ao concurso, Rousseau escreve o *Discurso sobre as ciências e as artes*. Apesar de fervoroso e vigoroso, passado algum tempo, diz Wokler (2001, p.23), o pensador genebrino veio a considerá-lo “como o pior texto entre seus principais escritos”, e para os “seus detratores”, trata-se do seu escrito “menos original”, mas mesmo sendo o seu trabalho “mais fraco e menos elegante”, com deficiências lógicas e estruturais, é preciso registrar que se trata de uma obra marcante em sua vida a qual permaneceu fiel como núcleo central do seu pensamento: “Todo o resto da minha vida e das minhas desgraças não foi mais que a consequência inevitável deste instante de exaltação” (ROUSSEAU, 1964, p.341). O *Discurso sobre as ciências e as artes*, como sublinhou May (1997, p.35), “selou todo o seu destino”, ou nas palavras de Herb (2004, p.177), transformou “o músico de Genebra em filósofo”, e para Cassirer (1999, p.38), no *Primeiro Discurso* “sua força criadora singular se manifesta e se impõe. Aí então tem início um movimento animado por novos impulsos e determinado por novas

forças”. Para Rousseau, não fazia mais sentido lamentar simplesmente por aquilo que tinha acontecido no passado, o momento exigia reação e posicionamento. Para ele era hora de se livrar de toda a angústia carregada desde infância, como descrita nas *Confissões* (1964), quando pessoas que ele admirava e respeitava o acusaram de um ato que jamais cometeu:

julguei não haver nem um momento a perder se quisesse ser coerente e sacudir para sempre de meus ombros o pesado jugo da opinião. Tomei bruscamente meu partido com bastante coragem, e o sustentei até aqui com uma firmeza de que só eu senti o preço, porque só eu sei contra que obstáculos tive e tenho de lutar todos os dias a fim de manter-me sempre contra a corrente (ROUSSEAU, 2005, p.25).

Mais do que uma obra de juventude, ou como sublinharam Alberg (2007, p.177-184) e Trachtenberg (1993, p.146-174), mais do que uma obra de denúncia da condição decadente da sociedade moderna, o *Primeiro Discurso* deve ser entendido, também, como uma obra que representa uma virada definitiva na vida do pensador genebrino: “vi outro universo”, diz Rousseau (1964, p.341), “e transformei-me noutro homem”, a partir de agora, “nada de aparência e sim a realidade sempre” (ROUSSEAU, 1995, p.224). Desprezando radicalmente as aparências, o pensador genebrino defendeu que o progresso, ou pelo menos aquilo que o século das luzes designava por progresso, era na realidade uma degradação em relação ao estado original e natural do homem, uma afronta à natureza que sempre “quis preservar” os homens “da ciência como a mãe arranca uma arma perigosa das mãos do filho” (ROUSSEAU, 1983, p.341).

Portanto, em pleno século XVIII, enquanto o que se ouvia com frequência pelos quatro cantos eram vozes unidas em defesa da vinculação da moralidade à cultura e do “progresso” como fruto do desenvolvimento das ciências e das artes, Rousseau, que nas palavras de Allard (1987, p.265), tinha “prazer em contrariar as opiniões correntes”, mesmo vivendo na capital mais “sofisticada” da época, surge como uma voz contrária, como uma exceção, e coloca em xeque, pela primeira vez, o elo de necessidade entre acúmulo do conhecimento e o progresso moral da sociedade. Para ele, como sublinhou Cassirer (1992, p.357), o século das luzes é o retrato de uma “civilização” sem qualquer “impulso moral”, alicerçada apenas “no instinto de poder e de posse, na ambição e na vaidade”. Rousseau não compartilha, portanto, da crença de que o avanço das ciências e das artes trouxe progresso social, pelo contrário, ele a contesta de forma radical, sem ignorar e nem temer as possíveis consequências do partido que ousou tomar:

Prevejo que dificilmente me perdoarão o partido que ousei tomar. Ferindo de frente tudo o que constitui, atualmente, a admiração dos homens, não posso esperar senão uma censura universal; não será por ter sido honrado pela aprovação de alguns sábios que deverei esperar a do público. Por isso já tomei meu partido; não me preocupo com agradar nem aos letrados pretensiosos, nem às pessoas em moda (ROUSSEAU, 1983, p.331).

Mas, para uma compreensão adequada do posicionamento de Rousseau, entende-se que é necessário sublinhar que ele não se posiciona contra as ciências e as artes em si mesmas. Apesar de ter destacado em vários momentos dos seus escritos um nexos forte entre o avanço das ciências e das artes e os problemas sociais da sua época, é preciso dizer que no sentido absoluto do termo, o pensador genebrino nunca visou negá-las em si mesmas, “não é em absoluto a ciência que maltrato”, diz Rousseau (1983, p.333), “é a virtude que defendo perante homens virtuosos”. Para ele, não havia dúvida de que “a ciência, tomada de modo abstrato, merece nossa inteira admiração. A louca ciência dos homens é digna unicamente de escárnio e de desprezo” (ROUSSEAU, 1983, p.421). Em uma sociedade de homens fragmentados, cuja atividade política e social encontra-se mergulhada na aparência, o pensador genebrino não está interessado em banir absolutamente as artes e as ciências, ele quer a totalidade e a autenticidade dos homens, assim, ele repudia veementemente qualquer tentativa de incitá-los, seja por parte da cultura, seja por parte do poder político, a buscarem vantagens e prazeres separados; aos seus olhos, é preciso uma totalidade harmoniosa:

Enquanto o poder estiver sozinho de um lado e, de outro, sozinhas as luzes e a sabedoria, os sábios raramente pensarão grandes coisas, os príncipes mais raramente farão belas coisas e os povos continuarão a ser abjetos corrompidos e infelizes (ROUSSEAU, 1983, p.351).

O posicionamento do pensador genebrino diante das ciências e das artes, não pode ser visto, também, como sendo uma promoção, conforme observação de Simpson (2009, p.59), por exemplo, “de agnosticismo ou anti-intelectualismo”. Na verdade, em seus escritos, Rousseau elogia grandes figuras da tradição do pensamento ocidental como Platão, cuja obra *A república* classificou de “o mais belo tratado de educação que jamais se escreveu” (ROUSSEAU, 1995, p.14), bem como Bacon, Descartes e Newton denominados por ele de os “preceptores do gênero humano” (ROUSSEAU, 1983,

p.351). Para o pensador genebrino, figuras desse tipo não devem ser desprezadas jamais, pelo contrário, devem ser encorajadas em suas pesquisas:

Que os reis não desdenhem, pois, de admitir em seus conselhos as pessoas mais capazes de bem os aconselhar [...] que os sábios de primeira ordem encontrem nas suas cortes asilos dignos; que nelas obtenham a única recompensa digna deles, que é a de contribuir com a sua parte para a felicidade dos povos a quem ensinarão a sabedoria. Então, somente, ver-se-á o que podem a virtude, a ciência e a autoridade animadas por uma emulação nobre e trabalhando concordes em favor da felicidade do gênero humano (ROUSSEAU, 1983, p.351).

Rousseau não pretendia também queimar as bibliotecas e nem os museus existentes. Em nenhum momento ele pensou, por exemplo, como o califa Omar que consultado sobre o que se deveria fazer da biblioteca de Alexandria, respondeu simplesmente que ela deveria ser queimada caso seja constatado nos livros que constituem o seu acervo qualquer um desses fatos: coisas opostas ao Alcorão; doutrina do Alcorão. No primeiro caso, os livros representariam coisas más, no segundo caso, não passariam de algo supérfluo. Para o pensador genebrino, a cultura é necessária em uma sociedade corrupta e irreversivelmente degradada:

As mesmas causas que corromperam os povos servem algumas vezes para prevenir uma corrupção ainda maior [...] Desse modo, as artes e as ciências, depois de terem feito os vícios brotarem, são necessárias para impedi-los de se tornarem crimes, cobrindo-os de um verniz que não permite que o veneno se evapore tão livremente [...] Minha opinião é, pois, e já o afirmei mais de uma vez, deixar subsistir e mesmo manter as academias, os colégios, as universidades, as bibliotecas, os espetáculos e todas as outras distrações que podem de certo modo divertir a maldade dos homens e impedi-los de ocupar a ociosidade em coisas mais perigosas, pois, numa região na qual não se fizesse mais questão nem de pessoas de bem nem de bons costumes, seria ainda melhor viver com velhacos do que com salteadores [...] Não se trata mais de levar os povos a agirem bem, basta distraí-los de fazerem o mal (ROUSSEAU, 1983, p.426).

Sem criticar as ciências e as artes em si mesmas, mas analisando os efeitos que elas provocam nas sociedades nas quais prosperam, principalmente, como observou Quirós (2000, p.81), quando são utilizadas pelas instituições políticas como ideologias e instrumentos de manipulação dos cidadãos para desviá-los da “consciência da sua

liberdade perdida”, Rousseau afirma que seus avanços, em qualquer tempo e lugar, sempre provocaram rebaixamento da moral e dos costumes. Isto é, os maus efeitos das ciências e das artes, não são problemas exclusivamente da sociedade moderna: “Dir-se-à ser uma infelicidade própria de nossa época? Não, senhores; os males causados por nossa vã curiosidade são tão velhos quanto o mundo” (ROUSSEAU, 1983, p.337). Esses efeitos malignos causados pelas artes e as ciências, como vistos por Rousseau, estão vinculados às suas origens, todas elas são frutos dos nossos vícios e estão diretamente ligadas às nossas curiosidades e ao nosso desejo de melhorar nossa sorte:

A astronomia nasceu da superstição; a eloquência, da ambição, do ódio, da adulação, da mentira; a geometria, da avareza; a física, de uma curiosidade infantil; todas elas, e a própria moral, do orgulho humano. As ciências e as artes devem, portanto, seu nascimento a nossos vícios: teríamos menor dúvida quanto às suas vantagens, se o devessem a nossas virtudes (ROUSSEAU, 1983, p.343).

Em todos os tempos, quando os homens se esforçaram orgulhosamente para saírem “da ignorância feliz na qual nos colocara a sabedoria eterna”, diz Rousseau (1983, p.341), seus castigos foram “o luxo, a dissolução e a escravidão”. A “civilização”, como entendida por ele, abrandava os costumes e leva os homens a perderem o gosto pela liberdade; a polidez e o bom-tom não passam de vil e baixa bajulação. Os povos antigos, por exemplo, principalmente os romanos, na visão de Rousseau, começaram virtuosos, mas foram corrompidos pela valorização das ciências e das artes:

Os romanos confessaram que a virtude militar se extinguiu entre eles à medida que começaram a se conhecer em quadros, em relevos, em vasos de ourivesaria e a cultivar as belas-artes, e, como se fosse essa região famosa destinada a servir continuamente de exemplo aos outros povos, a elevação dos Médicis e o restabelecimento das letras fizeram cair novamente, e talvez para sempre, aquela reputação guerreira que a Itália parecia ter recuperado há alguns séculos (ROUSSEAU, 1983, p.346-347).

As artes e as ciências, portanto, em termos rousseauianos, não contribuem para inspirar coragem ou despertar nos indivíduos o espírito de patriotismo, o que elas fazem é eliminar deles o espírito da devoção à pátria e a força para preservá-la de invasões, “a verdadeira coragem”, diz Rousseau (1983, p.346) “se debilita e as virtudes militares

desfalecem: é ainda a obra das ciências e de todas as artes que atuam nas sombras dos gabinetes”. Em Rousseau, portanto, não parece existir espaço para a defesa da ideia de que a força e a virtude dos povos aumentam com o refinamento dos seus hábitos e costumes:

A elevação e o abaixamento cotidianos das águas do oceano não foram mais regularmente submetidos ao curso do astro que nos ilumina durante a noite quanto a sorte dos costumes e da probidade aos progressos das ciências e das artes. Viu-se a virtude fugir à medida que sua luz se elevava no nosso horizonte e observou-se o mesmo fenômeno em todos os tempos e em todos os lugares (ROUSSEAU, 1983, p.337).

Para o pensador genebrino, com o avanço das ciências e das artes o que se ampliou entre os homens da sociedade “civilizada” e que se tornou a questão fundamental, foi o mostrar-se ou a sede incontrolável de querer aparecer diante dos outros. O avanço das ciências e das artes contribuiu significativamente no sentido de encorajar os indivíduos a prestarem mais atenção às coisas sem importância, e não às coisas significativas e essenciais: “não se pergunta mais a um homem se ele tem probidade”, diz Rousseau (1983, p.348), “mas se tem talentos; nem de um livro se é útil, mas se é bem escrito”. Na verdade, “todos os espíritos” encontram-se fundidos “num mesmo molde” onde “incessantemente a polidez impõe, o decoro ordena” e a virtude, diz Rousseau (1983, p.336), que “constitui a força e o vigor da alma”, é cultivada apenas em aparência. As ciências e as artes amolecem a alma e desencorajam o indivíduo de lutar pela liberdade, enquanto o incentiva a fazer de tudo para não perder o seu conforto e seu luxo.

O avanço das ciências e das artes radicalizou a cisão entre o ser e o parecer e colocou os homens definitivamente num mundo de aparências, de discordância entre os atos e as palavras, de falsas necessidades e de concorrência funesta; mas o valor de um povo, observa o pensador genebrino, não deve ser buscado, como se supõe, nos belos salões e na cultura das grandes cidades da sociedade civilizada: “antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada”, diz Rousseau (1983, p.336), “nossos costumes eram rústicos, mas naturais”. A pureza original foi degradada e os homens desenvolveram desejos pelo luxo que, assim como as ciências e as artes, nasceu da “ociosidade e da vaidade”; como disse Rousseau (1983, p.344), “o luxo, raramente, apresenta-se sem as ciências e as artes, e estas jamais andam

sem ele”. Esses desejos corromperam a moral e fizeram surgir seres mesquinhos, egoístas, fingidos e desonestos, toda a atenção dos homens encontra-se voltada não para a simplicidade e o espírito público, mas para a aparência e o luxo. Em relação aos políticos, diferentemente daqueles da antiguidade que falavam sempre de “costumes e de virtudes”, os da modernidade, diz Rousseau (1983, p.344), apenas “falam de comércio e de dinheiro”, mas o gosto pela ostentação, no entanto, sublinha Rousseau (1983, p.345) “não se associa, nas mesmas almas, com o da honestidade”, e para os “espíritos degradados” pelas futilidades, é impossível uma elevação “a algo de grande”, pois “se tivessem força, faltar-lhes-ia coragem”.

Quando ser e parecer tornaram-se duas coisas completamente diferentes, ou seja, com a abertura da “fenda”, como disse Starobinski (2011, p.12), o mal entrou no mundo e iniciou-se a era da infelicidade dos homens: tornou-se impossível a correspondência entre a “atitude exterior” e as “disposições do coração”. Para o pensador genebrino, certamente nada poderia ser melhor “se a decência fosse a virtude, se nossas máximas nos servissem de regra, se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo” (ROUSSEAU, 1983, p.335), mas na sociedade observada por ele, povoada por pessoas preguiçosas, egoístas, mesquinhas, falsas, covardes e desonestas, isso jamais ocorrerá:

Não mais amizades sinceras e estima real; não mais confiança cimentada. As suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo o tempo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão exaltada que devemos às luzes de nosso século (ROUSSEAU, 1983, p.336).

O mundo humano não foi iluminado pelas “luzes” da civilização, “nossas almas”, diz Rousseau (1983, p.337), “se corromperam à medida que nossas ciências e nossas artes avançaram no sentido da perfeição”; nascidas da vaidade, do desejo de distinguir-se e de aparecer, essas “luzes”, como observou Anderson (2002, p.94-95), contribuíram para transformar os seres “totalmente sinceros e transparentes” em “seres opacos” que adotam máscaras de acordo com a forma que pretendem tomar. Aos olhos de Rousseau, portanto, as “luzes” do século XVIII parecem ter contribuído unicamente para a decadência dos costumes e da moral, bem como para aguçar em cada indivíduo o desejo profundo e incontrolável pelo poder e pela ambição, por isso ele proferiu a sua fantástica oração:

Deus todo-poderoso, tu, que tens nas mãos os espíritos, livra-nos das luzes e das artes funestas de nossos pais, e restitui-nos a ignorância, a inocência e a pobreza, os únicos bens que podem fazer nossa felicidade e que são preciosos para ti (ROUSSEAU, 1983, p.350).

De acordo com Starobinski (2011, p.38), as “luzes” da civilização serviram para tornar a transparência natural obscura. Os homens foram separados uns dos outros, os interesses foram particularizados, a possibilidade de confiança recíproca foi destruída, a comunicação essencial das almas foi substituída por um comércio factício e desprovido de sinceridade. Constituiu-se “uma sociedade em que cada um se isola em seu amor-próprio e se protege atrás de uma aparência mentirosa”. Nesse sentido, o verdadeiro resultado da civilização e da cultura das ciências, em termos rousseauianos, foi, portanto, a falsa aparência:

Atualmente, quando buscas mais sutis e um gosto mais fino reduziram a princípios a arte de agradar, reina entre nossos costumes uma uniformidade desprezível e enganosa, e parece que todos os espíritos se fundiram num mesmo molde: incessantemente a polidez impõe, o decoro ordena; incessantemente seguem-se os usos e nunca o próprio gênio. Não se ousa mais parecer tal como se é e, sob tal coerção perpétua, os homens que formam o rebanho chamado sociedade, nas mesmas circunstâncias, farão todos as mesmas coisas desde que motivos mais poderosos não os desviem. Nunca se saberá, pois, com quem se trata: será preciso, portanto, para conhecer o amigo, esperar pelas grandes ocasiões, isto é, esperar que não haja mais tempo para tanto, porquanto para essas ocasiões é que teria sido essencial conhecê-lo (ROUSSEAU, 1983, p.336).

Nas “Luzes”, portanto, a aparência brilhou como nunca. Nas palavras de Starobinski (2011, p.12), enquanto o espírito humano triunfava, o homem se perdia. Para ele, o que está em jogo em Rousseau, “não é apenas a noção abstrata do ser e do parecer, mas o destino dos homens, que se divide entre a inocência renegada e a perdição doravante certa: o parecer e o mal são uma mesma coisa”. A cultura ou a civilização, como entendida pelo pensador genebrino, se resume em um mundo de aparência que diferente do mundo do “ser” ou da autenticidade, é mediado pelo egoísmo, falsidade e mentira, para ele, o que a “civilização” trouxe foi uma radical alienação do “ser” no “parecer”, o homem civilizado nada mais é senão um produto da

degeneração totalmente iludido pela vida de aparência e sem condições mínimas para enxergar a sua real situação:

Enquanto o Governo e as leis atendem à segurança e ao bem-estar dos homens reunidos, as ciências, as letras e as artes, menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores sobre as cadeias de ferro de que estão eles carregados, afogam-lhes o sentimento dessa liberdade original para a qual pareciam ter nascido, fazem com que amem sua escravidão e formam assim o que se chama povos policiados (ROUSSEAU, 1983, p.334-335).

É preciso destacar ainda que, em seus escritos, Rousseau não atacou apenas a cultura iluminista, ele atacou, também, como sublinhou Béjar (1982, p.70), todos “os seus protagonistas”. Ele atacou e condenou, na verdade, todos aqueles intelectuais que, ao seu modo de ver, são incapazes de praticar os elevados princípios que teorizam e de combater uma ordem social injusta, elitista e desigual. Apesar de demonstrarem belas ideias que se apresentam “com uma feição favorável”, diz Rousseau (1983, p.423-424), “ao examiná-las com atenção e sem parcialidade, nas vantagens que elas a princípio parecem apresentar, encontra-se muito a ser refutado”, por isso suas artes e suas ciências de nada serviram para elevar a moral e os costumes dos homens. As artes e as ciências impuseram o domínio da aparência sobre a realidade e o delírio vaidoso do parecer produziu uma forma de desigualdade que como disse Rousseau (1983a, p.235), não é “natural ou física”, isto é, “estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma” justificada por si mesma, trata-se de uma “desigualdade moral ou política” ligada a “uma espécie de convenção e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens”.

A desigualdade moral ou política, como entendida pelo pensador genebrino, é um produto típico da sociedade, pois no “estado de natureza” o homem solitário, isolado, instintivo, sem qualquer interesse ou desejo oculto de tirar proveito à custa de outrem, não conhecia esse tipo de desigualdade que, essencialmente, deve toda “sua força e seu desenvolvimento a nossas faculdades e aos progressos do espírito humano, tornando-se, afinal, estável e legítima graças ao estabelecimento da propriedade e das leis” (ROUSSEAU, 1983a, p.282). Na sociedade estabelecida, essa desigualdade moral ou política, diz Rousseau (1983a, p.235), representa todos aqueles “privilégios de que gozam alguns em prejuízo de outros, como o serem mais ricos, mais poderosos e

homenageados do que estes, ou ainda por fazerem-se obedecer por eles”. Assim, diz o pensador genebrino, ao contrário do “estado natural” onde existia uma igualdade real, no “estado civil”, aquilo que se denomina igualdade, não passa de mera aparência:

Há no estado natural uma igualdade de fato real e indestrutível, porque é impossível nesse estado que a única diferença de homem para homem seja bastante grande para tornar um diferente do outro. Há no estado civil uma igualdade de direito quimérica e vã, porque os meios destinados a mantê-la servem eles próprios para destruí-la e que a força pública acrescida ao mais forte para oprimir o fraco, rompe a espécie de equilíbrio que a natureza colocara entre eles [...] daí a conclusão de as classes privilegiadas, que se pretendem úteis às outras, serem, efetivamente, úteis a elas próprias a expensas das outras (ROUSSEAU, 1995, p.266).

De um modo geral, todo o progresso da humanidade, como entendido pelo Século das Luzes, surge aos olhos do pensador genebrino simplesmente como uma instauração da aparência, desigualdade e tirania. O homem “naturalmente bom”, diz Rousseau (1983a, p.291), tornou-se um ser “depravado” devido “as mudanças sobrevindas em sua constituição, os progressos que fez e os conhecimentos que adquiriu”, por mais que se estude ou se admire a sociedade moderna, sempre se chegará à conclusão de que “ela necessariamente leva os homens a se odiarem entre si à medida que seus interesses se cruzam”. Na sociedade moderna vista por Rousseau, diz Melzer (1990, p.183), reina a “aparência de ordem por detrás da qual os homens incessantemente exploram e oprimem uns aos outros”. As leis existentes não garantem a liberdade, por todos os lados que se olha, não é difícil de se constatar, diz Rousseau (1995, p.571), que sob o nome das leis existentes reina unicamente “o interesse particular e as paixões dos homens”. Paixões que não podem ser classificadas simplesmente “em permitidas e proibidas”, isto é, aquelas que podemos nos entregar e aquelas que devemos evitar, pois todas elas “são boas quando as dominamos; todas são ruins quando nos sujeitamos a elas” (ROUSSEAU, 1995, p.536).

Por todos os lados, diz Rousseau (2005, p.78), é possível encontrar “charlatões que se divertem em enganar os homens, sem outra lei que seu interesse, sem outro Deus que sua reputação”. E se ouvirmos com atenção “as pessoas que têm permissão para falar em público”, perceberemos claramente que elas “não ousam ou não querem dizer nada que não convenha aos que comandam, e, pagas pelo forte para pregar ao fraco, só sabem falar a este último de seus deveres, e ao primeiro de seus direitos”. Na sociedade,

portanto, só é possível enxergar a infelicidade e sofrimento dos homens sob grilhões de ferro, por toda parte o indivíduo encontra-se mergulhado na condição de servilismo a seus companheiros e às instituições políticas, sem independência e sem individualidade. Iludido e incapaz de agir por sua própria iniciativa, o homem apenas consegue fazer o que os outros fazem e como eles querem que ele faça. Esse é o retrato da “sociedade moderna” que se orgulha das suas ciências e das suas artes, isto é, do seu progresso, das suas “luzes”, mas que aos olhos do pensador genebrino surge como uma sociedade decadente e corrompida; se suas “luzes” trouxeram algum benefício para os homens, é preciso dizer que, para Rousseau, ele foi totalmente anulado pelos vários tipos de vícios decorrentes da mentira da aparência.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERG, Jeremiah. *A reinterpretation of Rousseau: a religious system*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.
- ALLARD, Gérard. Au-delà et en deça de l’homme social: les pôles de la pensée de Rousseau. *Philosophiques*, v.14, n.2, p.264-298, 1987.
- ANDERSON, Charles. *A deeper freedom: liberal democracy as an everyday morality*. Madison and London: University of Wisconsin Press, 2002.
- BÉJAR, Helena. Rousseau: opinión pública y voluntad general. *REIS*, nº18, p.69-82, 1982.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. Campinas: UNICAMP, 1992.
- CASSIRER, Ernst. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- HERB, Karlfriedrich. Jean-Jacques Rousseau: um modernista com alma antiga. In: KREIMENDAHL, Lothar (Org.). *Filósofos do século XVIII: uma introdução*. Trad. Dunkwart Bernsmüller. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2004.
- MAY, Georges. *Rousseau: o gênio e a obra*. Trad. Luis Serrão. Lisboa: Europa-América, 1997.
- MELZER, Arthur. *The natural goodness of man: on the system of Rousseau’s thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- QUIRÓS, Roberto Cañas. El concepto de libertad en el hombre natural de Rousseau. *Revista de Filosofía de La Universidad de Costa Rica*, v. XXXIII, n.80, p.77-88, 2000.

- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983a (Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Trad. José Oscar de Almeida Marques et al. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Confissões*. Trad. Fernando Lopes Graça. Lisboa: Portugália, 1964.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Discursos sobre as ciências e as artes*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).
- SIMPSON, Matthew. *Compreender Rousseau*. Trad. Helio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2009.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das Letras, 2011
- TRACHTENBERG, Zev. *Making citizens: Rousseau's political theory of culture*. London: Routledge, 1993.
- WOKLER, Robert. *Rousseau: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2001.